

ANNO 3

SABADO 28 DE MAIO DE 1870.

N. 126



O General, Antônio da Silva Paranhos.

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 28 de Maio de 1870.

Tenho sido perseguido por um pesadelo.

Não ha noite em que elle me não martyrise, uma vez pelo menos.

É horrível!

Dizem que a espada de Damocles era um suplício insuportável. Qual!

São piores que os antigos inventaram no tempo em que o mundo andava ainda de gatas.

Hoje os tempos mudaram. Com o progresso actual, com o vapor, com a electricidade, com a emigração chilena, com os bôns de rodas o com os outros de papel (que tem feito andar a roda tanta cabocinha), com os aliliados e sobrinhos, hoje fiose mais fino.

Muito mais fino, se não que o diga a *Reforma*, que nestas coisas falla de cadeira.

Hoje a espada de Damocles não seria mais que uma espadinha de pau, dasas com que nossos filhos se divertem, como um financeiro ca de casa se diverte com duzentos contos de réis.

O meu suplício, minha tortura, meu Damocles, meu pesadelo, emfim é:

A ARCHIBANCADA DO NORTE!

Reconheço que não ha monumento mais patriótico no Império, do que esse construído no campo de São' Anna, e que os autores só tiveram em vista tornar mais brilhante AINDA a festa *íldo-nacional*, proporcionando ao bello sexo e aos sous respeitáveis patriarcas lugares commodes, de onde, mediante modicas retribuição, fosse aprovado o patriotismo... com que o governo aplica as urgências da guerra (aos contribuintes) uma insignificante parcela do rotundo fisco.

Ha por ahi quem grite: « E' muito mal feito espacular com uma causa tão seria! »

Mas são uns patetas, os que dizem isto.

Patetas, sim! Patotíssimos!

Se a camara municipal consentiu na edificação, sob tais condições, dos palanques, é porque... é porque a ideia é boa.

Demais, se se paga para ir ao circo Bartholomeu, se se paga para ver as fôras paraguayas da rua dos Invalidos, se se pagam tantos outros divertimentos, menos divertidos, porque não se bade pagar para assistir ao Te-Deum?

Sejam logicos, com a breca!

**

Mas divaguei, divaguei, e ainda não disse em que consiste meu pesadelo.

Ahi vai elle:

Sonho todas as noites que o mencionado palanque, no melhor da festa, desconjuga-se, estala e vem abaixo, esmagando alguns contos de imprudentes, que se animaram a entrar em tal ratoira municipal... (este municipal está aqui por engano; ou queria dizer nacional).

O pior é que ha um engenheiro que, sem sonhar, também tem o mesmo pesadelo, sempre que examina com seus olhos entendidos aquelles catibrosinhos tão...

A DR. C.

Assumpto de varias côres

O conselho d'Estado — A accusado falla pelo conselheiro Reis. — A defesa do Sr. G. J. da Silveira defende por elle mesmo — O que, acusa daíto assumpto, se dira por si, é que é o resultado da mundo-a opinião publica — instando o nariz na justiça. — Mucho de rumo — O S. Pedro e a sua *Dictadura* — Seu conselheiro é o doutor Lysias Gravenstein, e um conerto que promete o Príncipe Julian, os inimigos e o visconde d'Almeida Garret — Manobra de obter um lugar na Phoenix, e conselhos que don't avistar la carte e subúrbios.

Para que a aattenção publica não ficasse em apatia durante a prorrogação dos *celeberrimos* festos oficiais, uma questão bancaria de subido alcance veio dar passo aos fallatories, e trazer a torreiro mais uma das peças, que o conselho d'Estado o custuma pra ir... aquelles que não tiram escandalosamente da circulação commercial uma bagatela de doze mil contos para converter em apólios á razão de 84.

A *trica* bancaria nunca foi o meu forte; mas, é força dizer que a resolução do conselho d'Estado na pendencia entre o conselheiro Reis e a dire-toria do « Banco Rural » traz à lembrança o procedimento de certo juiz, que condenava justa ou injustamente a maior parte dos réos que lhe cahiam debaixo da jurisdição, abolvendo tão sómente aquelles de quem esperava... auxílios pecuniários. O digne magistrado contrabalançava assim ás coisas lá a seu gosto, e, attendendo o estomago de preferencia á justiça, achava, segundo dizem, modos de ficar sempre bem com a sua consciencia!

Seja como for uma grande maioria de homens sadios pronuncia-se a favor do conselheiro Reis — quando isso não bastasse, uma circunstancia, para mim de muito mais peso, vom fechar o campo de duvidas e provar que na accusação contra as irregularidades do banco da rue d'Quintana defendia o Sr. Reis os legítimos interesses dos acionistas daquelle estabelecimento.

E' logra geral — quando o accusado não tem defesa prompta e satisfactoria recorre a dous expedientes conhecidíssimos. O appell-o á opinião publica para que suspenda o seu juizo é um delles — o insulto constitue o segundo.

Respondendo à exposição publicada pelo conselheiro Reis *aos a pedido do Jornal do Commercio*, o Sr. C. J. da Silva lança mão de ambos os expedientes apontados, logo.....

Passo adiante.

Proseguem activamente no « S. Pedro » os ensaios da *Extinção da Dicção*, peça symbolica do qual já falhei ao leitor na semana passada, e que, a julgar pelo luxo *hors ligne* do *mise scène*, juro parecer destinada a tornar-se o mais deslumbrante sucesso daquele theatro.

O scenario, já pronto, é de grande ilusão e efeito, e quanto a COSTUMES trata a Muzet de fatar a livraria abaixo para apresentar ao publico do Rio de Janeiro o que ha de mais elegante e luxuoso nesse genero.

Só a róupa de Satanaz custa 400\$000! Imagineun.

Coadjuvado por Mlle. Delinay, pelo Sr. Ricardo Ferreira de Carvalho e outros artistas de provado merito, annuncia o Sr. André Gravenstein, um grande concerto em seu beneficio na sevna do theatro franzee. Prestando culto aos melhores mestres, e as escolas mais afamadas conseguiu o beneficiado combinar um programma variado, onde, a par das peças classicas de Webber, Meyerbeer e Rossini, figuram alguns trechos de Donizetti, Gounod e Lumlye.

André Gravenstein é um desses artistas que tem sabido adquirir direitos à protecção publica. Como chefe d'orquestra, não vejo por que muitos que possam fazelhe sombra: como homem, contam-se poucos tão leais e tão zelosos no cumprimento de seus deveres: como artista... faltelhe apenas o *savoir faire*... essa poeira nos olhos, a que outros devem uma reputação... nem sempre justificada pela respectiva habilidade artistica.

Está fixada para 30 a solenidade artistica, que mestre Arnaud pretende realizar no theatro Lyrico.

E' para sentir que Mosquita se lombrasse tão tarde de escrivar o seu *spartito* da *Nuit au Chateau*, o que o indiferentismo do publico obrigasse o director do Alcazar a marcar, para muito antes do que devêr-se-á, a terminação da serie de representações que deviam ainda darse no seu theatro: duas circunstancias, que apenas concedem aos numerosos amadores da musica nacional uma ou duas audições da opera-comica do Sr. Mosquita, ou o tempo necessário para ouvi-la sem poder julgal-a conscientiosamente.

Entretanto são dignos de louvar os esforços do *maestro* brasileiro em prol de uma arte, que parece voltada ao es-

quecimento entre nós; e ainda mais louvável o procedimento da direcção do Alcazar, que, tendo apenas diano de si o esgarço necessário para dois spectaculos, não hesitou em submeter ás provas publicas um trabalho nacional, de quem não pôde auferir os lucros correspondentes ao tempo gasto em ensaios oás despozas de um spectaculo inteiramente novo.

O recente trabalho do Dr. Fraga Junior visto confirmar a alta opinião que o publico Ilustrado do Rio de Janeiro de ha muito formava acerca do inquestionavel talento do author da *Maria hora de cynismo*, *Typos da actualidade* e outras obras satyricas tão apreciadas quando outrora faziam parte do repertorio dos nossos theatros.

Como quadro descriptivo dos costumes da nossa sociedade não sei de outro que possa collocar-se ao lado do *Brigo de Judas*. As figuris são desenhadas à cores vivas e traços vigorosos, e na composição conseguiu o author trazer a terreno certas minuciosidades do viver intimo, de que poucos saberiam tirar partido.

Como era de esperar, sempre que no theatro brasileiro se apresenta alguma causa com gozo, apareceram alguns invejosos, poucos felizmente, que apenas concedem à comédia...ir instâncias attenuantes.

Outro tanto sucedeu ao visconde d'Almeida Garret, quando *A Sobreira do Marquez* subiu as provas publicas, em Lisboa. Os *frângueiros* da literatura calharam-lhe em cima assasando a peça milhares de defeitos: — falta do enredo, — dialogo longo, — poucos movimentos, escassas de peripécias, ... quo ssi eu!...

Sabem o que fez Garret? Convencido de que escreveria uma obra em tudo de acordo com a época em que a aquela se passaria, juntou no prefacio, quando deu *A Sobreira do Marquez*, à estampa, as seguintes palavras:

« *N alguma queria ver outra cosa n'uma peça do tempo do Marquez de Pombal, esse alguma, perde-me a sua ausencia, é tido; e sabe tanto o que é o Portugal em que vive, como aquelle em que viveu seu paiz e seu avô. »*

Ligeio ignal merecem os que queriam, talvez, encontrar veneno, punhais, reconhecimentos, lançouolas e europeis, n'uma peça de costumes brasileiros em 1870!...

Quem, nas noites em que se representa o *Novo Mamede* quiser obter um logar na Phainix, deve mandar comprar o bilhete de ingresso ás 8 da manhã, e por-se a caminho na direcção do theatro antes que o sol se esconde no horizonte.

Os que moram longe devem chegar na vespera; aliás arriscam-se a obter, quando muito, um banco no

A VIDA FLUMINENSE



M.º Nervoso.



Uma tem por si a "Opinião Pública" - os outros são apoiados pelo "Conselho d'Estado". Não é difícil saberse quem tem razão.



Aspecto do novo templo do Canhão de São Anna.
Um molho que por ali andava ia se scandafício! Este coube para com "lame florete de meu tere na inverno!" O yes!

Dizem que na occasião de sua sahida os jesuítas o acompanharam ate bordo cheios de surdade e cobriodo-o de milhares de beijos!

jardim donde poderão ver alguma cousa sem ouvir cousa alguma.

Que carreira faz o tal *Novo Mandamento*! Apro!... é do mais!

Se estivessemos em Janeiro repetia-se na sala o episódio da mulher assada, não há que ver.

A. DA A.

Passeios á chuva

(Continuação)

X

— Conforme eu disse no princípio de meus —Passeios—, tinhão á meu alcance, a tiõi o momento que desejou, variar de distrações sem nem ao menos sair do meu gabinete.

— Ali é que está o bom do meu sistema e o que recomendo aos meus leitores que o ponham em prática n'aqueelas ocasiões aiazgas em que a modicidade põe tristemente a fronte e procura fazer erer ao mundo, que está pensando em tudo, —momenos em dinheiro.

— Cheguei n'um ponto do episódio de meu —Passeio—, relativo á vizinha A., que engasgou-me, isto é, que foi necessário engasgar-me.

— O que fazer em tal caso? dar passa-porete á bella menina como vítima da febre amarela?

— Oh! isso seria ser deshumano!

— A vizinha A., leitor, ainda vive, ainda é sedutora; mas concelho que a deixe em sua residência e que vá buscar a família Velocípede, para fazer-nos companhia em nosso —Passeio.

XI

— A família Velocípede é a porc'ha de gente mais singular que conheço neste mundo; por isso tomo a liberdade de apresentá-la ao leitor.

— O Sr. Velocípede é um sujeito alto, magro, de olhar vago e que ri por todo e qualquer motivo; fala muito e quer dizer tudo ao mesmo tempo, já lou uma vez a Constituição do Império, e ficou convencido que as garantias concedidas ao cidadão, que o erão somente á elle, e portanto julga-se com direito a exorbitar com qualquer, na *innocente* crença de quo é somente elle—cidadão Velocípede—o unico protégido pelas leis do paiz.—Feliz mortal!

— A souhora Velocípede, coitada, não é mercedora nem de uma descripção; não soando nem ao menos uma beleza vulgar, possuo o dote, que contrasta com seu marido, de falar com tanta pausa, suspensos e considerações, que quando contão juntos o mesmo caso a um auditório dividido *apparentemente* em duas atenções, elle

está no final do epílogo, (onde sompre ha bordada e sangue) quando a pachorrenta senhora prepara-se para contar a já ouvidia—introdução.

— Este felix casal possui uma interessante filha de dezoito annos, é a menina Velocípedo.

— Rosto redondo o que não tendo a honra de ser numero, muito longo está de ser claro; olhos tambem redondos o provocadores, quando nada, da compaixão dos rapazos; boca parcos que farta á navalha e dentes sór de marfim já usado; eis o frontespicio dessa menina.

— A mamã Velocípede teria tido uma infeliz lembrança se tivesse querido fazer da interessante filha, uma boa modista; porque nella denota, mesmo o espirito menos observador, um excesso tal de gosto, que se torna sensível atõ o pregar de um alfaiate.

— São essas as tres unidades que compõem a familia Velocípede, que juntas ás duas fraccões Bernabé e Hilaria, formam um ridículo e desfructável numero mixto.

XII

— Uma vez que estamos passeando hale conceder-me o leitor, permissão para eu contar-lhe um sestro do Sr. Velocípede e que se torna extensivo á muita gente boa—querer quebrar a cara á meio mundo por causa, muitas vezes, de um punhado de vento!

— O Sr. Velocípede não admite que olho-se para a mulher ou para a filha; que se lhe diga um gracejo em resposta aos muitos que toma a liberdade de dizer; em summa: julga-se o unico individuo inviolável e sagrado mesmo.

— O que é que o Sr. Velocípede entenderá consigo quando diz:—Eu lho quebro a cara?

— Deus o sabe.

— No primitivo dia em que tive a *felicidade* de ver a familia Velocípede, um mao anjo me acompanhava; digo um mao anjo, porque supponho que nosso—anjo da guarda —não é efectivo, mas sim substituído, pelo menos de vinto e quatro em vinte e quatro horas.

— Comei ia dizendo, um mao anjo, ou antes um anjo patoso, acompanhava-me nesse dia.

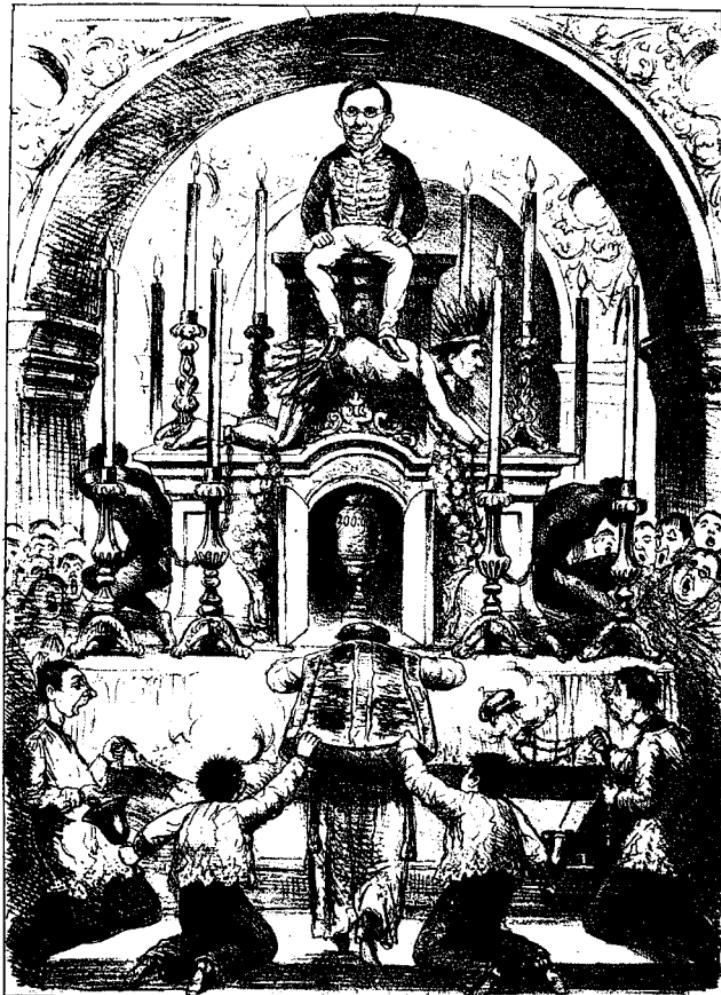
— Entendo Sr. Ambrosio, dizia eu a conversar com um vizinho no portão de uma chácara proxima á minha residencia,—« o que me diz da familia que voio hoje da cidade para casa da viuva Figueira? »

— « O que eu digo? »—replicou o Sr. Ambrosio,—o que eu digo é que o chefe della, o Sr. Velocípede, é um refinado tratante.

— O Sr. Ambrosio o conhece?

— Infelizmente.

— Diga-me, Sr. Ambrosio, o tal Sr. Velocípede é careca?



Te-Deu!, que a padaria cantará em seguida as do Campo
de Sta. Anna!

O devo, reconhecido ao governo bela bipincira que lhe propor-
ciona, erguerá o altar acima, cujos adorantes exprimem
a situação actual do país.